



CADERNO DE RESUMOS / CUADERNO DE RESÚMENES CAHIER DE RÉSUMÉS / SUMMARY NOTEBOOK

ASSIA MOHSSINE

Universidade Clermont Auvergne – CELIS/CIMEEP

Mujeres, cuerpos y épicas inversas

La ponencia ostenta el doble principio heurístico – la épica y la perspectiva de género-, como base para enfocar la noción central de heroísmo épico, al modo en que la expone la escritora mexicana Ana García Bergua en su novela *Isla de bobos* (2007). Enfocando el heroísmo desde el fracaso, la narración se centra en el relato de las sobrevivientes (3 mujeres y 9 niños) de la guarnición militar comandada por el capitán del ejército federal Raúl Soulier, a quien el gobierno de Porfirio Díaz asignara en 1905 la tarea de defender la soberanía nacional en la isla de Clipperton para prevenir cualquier intervención extranjera. Al estallar la Revolución mexicana (1910), el gobierno revolucionario toma la funeste decisión de suspender el periódico abastecimiento desde el continente, los soldados y sus familias son abandonados a su suerte. Nos podemos preguntar ¿Qué hay en común entre esas mujeres de rostro curtido por el sol y los estragos de una pesadilla indecible, demacradas y con las encías sangrentes y el Ulises vencedor de Troya perseguido por un Poseidón vengativo? ¿de qué manera la novela se apoya en la tradición clásica para reflexionar sobre la condición humana y el sinsentido de la historia? Mi lectura, más que a los lazos intertextuales, estará atenta a la construcción en la novela de un heroísmo anónimo y cotidiano, una categoría que perturba y desbarata imágenes canónicas del héroe épico típicas del relato nacional de la época postrevolucionaria.

Palavras-chave: Mujeres; heroísmo desde el fracasso; épica inversa.

BARBARA GORI

Università degli Studi di Padova – DiSLL/CIMEEP

A epopeia dum herói lusitano: *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas

Óscar Lopes e António José Saraiva dizem que «o rasto de influência e imitação de *Os Lusíadas* poderia seguir-se através de toda a história da literatura portuguesa, mesmo posteriormente ao século XVII» (Lopes, 1985: 394). A epopeia *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1656) vem também na senda de *Os Lusíadas*. Antes dela, saíram a público outros poemas épicos seiscentistas, tais como a *Prosopopeia* de Bento Teixeira, publicada em 1601, pequeno poema de assunto brasileiro; e a *Destruição de Espanha*, publicada em 1671, de André da Silva Mascarenhas, que contém várias passagens plagiadas do *Viriato Trágico*, ainda então inédito. Embora tenha sido publicada apenas em 1699, o seu autor redigiu-a entre 1642 e 1656, época em que se cimenta a Restauração do reino e se intenta a defesa do mesmo contra as investidas espanholas. Isto é muito importante, pois a obra, por analogia, transporta uma época para outra. Brás Garcia é Viriato, os Espanhóis são os Romanos, a Companhia dos Leões o exército lusitano. Obra entre o épico e o trágico, o *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas é um poema com as características externas de uma epopeia, dividindo-o em vinte cantos em oitava rima. Na primeira edição, a obra aparece com 783 páginas, sendo, até ao momento, a obra literária mais extensa dedicada a Viriato. O nosso objetivo é analisar a obra nos seus aspetos épicos e trágicos.

Palavras-chave: poema épico; heroísmo épico; Restauração.

CHARLOTTE KRAUSS

Université de Poitiers – Centro de Pesquisa FoReLLIS/CIMEEP

As tendências épicas do teatro nacional na Europa do século XIX

No início do século XIX, ocorreu uma mudança fundamental nos sistemas políticos da Europa: gradualmente, as monarquias absolutistas, com governantes de direito divino e súditos, transformaram-se em nações, em monarquias ou repúblicas constitucionais baseados num povo de cidadãos (relativamente) livres. Para a disseminação do conceito ainda abstrato de “nação”, bem como para a formação de um sentimento de pertencimento a um povo nacional, a literatura desempenha um papel pedagógico essencial. Enquanto a teoria defende em particular a busca de épicos nacionais – históricos ou recém-escritos –, na prática, é o teatro que parece ser o local apropriado para atingir todas as esferas da sociedade. A esse respeito, não é de surpreender que vários projetos de teatro em diferentes países desejem retratar a nação e o povo nacional no palco, em particular através de apresentações teatrais de material histórico identificado como nacional. Esses projetos, no entanto, são vítimas do “encanto do épico”, na forma e no conteúdo: além do tamanho dos dramas (centenas de páginas), a alternância entre cenas de massa, como batalhas históricas, e representações mais íntimas de atos exemplares de um herói nacional correspondem ao ideal épico. Da mesma forma, muitas peças têm tendências narrativas (vozes narrativas, notas cénicas excessivas etc.). Por fim, pelo menos à época do teatro à italiana, esse teatro épico não é performático e as peças se tornam dramas de leitura. Na minha apresentação, analisarei exemplos de diferentes países, em particular *La Jaquerie*, de Prosper de Mérimée, *Boris Godunov*, de Alexander Pushkin e *Die Hermannsschlacht (A batalha de Armínio)*, de Heinrich von Kleist.

Palavras-chave: Teatro europeu; *La Jaquerie*; *Boris Godunov*; *Die Hermannsschlacht*; teatro épico.

CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO

Universidade Federal de Sergipe – PPGL/DLI/CIMEEP

O cordel épico no nordeste do Brasil

O “folheto de cordel” é uma forma de literatura popular típica do nordeste do Brasil, cuja origem é amplamente discutida por especialistas. Da importação da literatura popular da Península Ibérica, à influência de tradições europeias como os *pliegos sueltos* e as *folhas volantes* (MENDONÇA, 2018) ou a *littérature de colportage* francesa, diversas são as visões acerca das heranças recebidas, visto que temáticas épicas europeias, como o “ciclo troiano” e o “ciclo de Carlos Magno”, podem ser encontradas no repertório do cordel brasileiro. No entanto, também há correntes teóricas que relacionam o cordel nordestino à tradição das “cantorias”, manifestação oral própria dessa região do Brasil. Na comunicação proposta, caracterizarei os folhetos de cordel que desenvolvem uma matéria épica, ou seja, obras que partem de uma temática que envolve um plano histórico, um plano maravilhoso e um heroísmo de características épicas, considerado, evidentemente, o sentido de maravilhoso, de história e de heroísmo relacionados à época de cada obra. Partirei de Leandro Gomes de Barros (1868-1918) e Francisco das Chagas Batista (1882-1930), que são os dois grandes nomes relacionados à origem dessa expressão literária popular brasileira, para, em seguida, elencar outros nomes e produções épicas em cordel.

Palavras-chave: Cordel épico; plano histórico; plano maravilhoso; heroísmo épico.

CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO

Universidade de Lisboa

“Homero” de Sophia de Mello Breyner e *A cidade de Ulisses* de Teolinda Gersão – dois testemunhos da recepção de Homero na literatura portuguesa contemporânea

“Homero” é o título de um dos *Contos Exemplares*, cujo protagonista é “um velho louco e vagabundo” que pedia esmola, mas, “alto e direito”, “não fazia pena” e entoava “longos discursos cadenciados, solitários e misteriosos como poemas”, “palavras moduladas como um canto”. No romance de Teolinda Gersão, são múltiplas as referências a Ulisses. O narrador, um artista plástico incumbido de montar uma exposição sobre Lisboa, procura conhecer o herói a que a lenda atribui a fundação da cidade, concluindo: “A história da *Odisséia* era universal e intemporal, nunca poderia acabar de ser contada. A viagem de Ulisses era a vida de todos nós, qualquer um podia identificar-se com Ulisses”. Reflectir sobre os principais aspectos da recepção homérica nestas duas obras é o objectivo da presente comunicação.

Palavras-chave: “Homero”; Sophia de Mello Breyner; *A cidade de Ulisses*; Teolinda Gersão; recepção de Homero; literatura portuguesa contemporânea.

DAYNARA LORENA ARAGÃO CÔRTEZ

JEANE DE CASSIA NASCIMENTO SANTOS

Universidade Federal de Sergipe – PPGL/CIMEEP

Entre a guerrilha e a literatura: dimensões épicas no romance *Mayombe*, de Pepetela

O romance *Mayombe* (1980) nos traz em seu enredo a reconstituição da Guerra de Libertação de Angola por meio da atuação de personagens guerrilheiros em disputa pela libertação política nacional. O plano histórico da guerra, contemporâneo ao período de escrita da obra, envolve uma estrutura narrativa polifônica, cuja multiplicidade de vozes e perspectivas apresenta a diversidade interna que compunha os grupos políticos locais com destaque ao MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola. Desse modo, investigamos como o trabalho estético se funde às orientações políticas empregadas, uma vez que a disposição dos elementos épicos de narração, proposição, invocação, dedicatória e epílogo arquitetam o desenvolvimento heroico de alcance mitológico, e como o heroísmo histórico individual associado ao coletivo assume na tessitura narrativa *pepeteliana* uma *africanidade* de cunho combativo. Para isso, fizemos uso, sobretudo, das contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin (2002), Anazildo Vasconcelos da Silva (2007), Christina Ramalho (2013, 2015), Maria Aparecida Santilli (1985), Tania Macêdo e Rita Chaves (2007).

Palavras-chave: *Mayombe*; Pepetela; literatura épica; identidade nacional.

DELPHINE RUMEAU

Université Toulouse Jean Jaurès – LLA Creatis/CIMEEP

Les épopées américaines : perspectives transatlantiques

Nous nous proposons de croiser deux champs d'étude contemporain, celui des études épiques, en profond renouvellement, et celui des études transatlantiques, plus récent, et en plein essor. Pour ce faire, nous nous concentrerons sur un espace et une période clefs des études transatlantiques : la littérature nord-américaine (canadienne et surtout états-unienne) du XIX^e siècle. Il s'agira de montrer que ces textes (essentiellement *Hiawatha* de Longfellow, *Leaves of Grass* de Walt Whitman, *La Légende d'un peuple* de Louis Fréchette), s'ils sont pour certains d'entre eux très novateurs, n'en restent pas moins en dialogue avec les productions et les théories épiques qui s'élaborent de manière contemporaine en Europe. L'épopée de Fréchette met ainsi l'idée de « peuple » au cœur de sa conception de l'épopée et de la nation, pendant que les épopées états-uniennes placent l'idée de « primitif » au cœur de leur propos : Longfellow doit beaucoup aux travaux d'Élias Lönnrot recueillant le *Kalevala*, alors que les débats européens sur Homère informent la figure d'un barde américain chez Whitman. Nous montrerons que ces dialogues transatlantiques recouvrent des enjeux identitaires.

Mots-clés : Épopées américaines ; *Hiawatha* ; *Leaves of Grass* ; *La Légende d'un peuple*.

DIONÍSIO VILA MAIOR

Universidade Aberta – CLEPUL/CIMEEP

A Mensagem, de Fernando Pessoa: a constituição sublime da essência espiritual e universalista

Procurarei refletir sobre a *Mensagem*, de Fernando Pessoa, reflexão essa operada sobre matrizes operatórias construídas sobre o “discurso épico”, a “Língua Portuguesa”, “essência espiritual e universalista”.

Palavras-chave: Mensagem; Discurso épico; Língua Portuguesa.

EFTYCHIA BATHRELLOU

Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Clássicos

Epic poetry and the construction of slave identity in the ancient Greek world

The paper studies the reception of Homeric poetry in a fourth-century-BC funerary epigram in memory of a non-Greek slave who worked and died in the mines of Attica. The paper will use this inscription as a case study, in order to explore the complex and often surprising ways in which epic poetry served to construct a specific cultural and ethnic identity in antiquity. Although this function of Homeric poetry has been well acknowledged in relation to ancient elites, the paper will show how epic poetry could function as an ideological and, often, empowering tool even in the hands of the subaltern.

Keywords: Homeric poetry; reception; funerary epigram; ideology; subalternity.

FERNANDO DE MENDONÇA

Universidade Federal de Sergipe – PPGL/DELI/CIMEEP

Atualizações do Épico no Cinema de Straub & Huillet

O legado cinematográfico do casal Jean-Marie Straub (1933) e Danièle Huillet (1959-2006), integralmente marcado por relações de origem literária, visitou de maneira sistemática a estrutura narrativa épica e o imaginário canônico deste gênero, atualizando temas que envolvem um plano histórico, um plano maravilhoso e um plano de heroísmo épico. Nossa proposta consiste em uma apresentação comparativa de dois exemplos que se sobressaem em sua filmografia, no sentido de renovarem os princípios do épico no cinema, seja pela qualidade de sua tradução intersemiótica (PLAZA, 2017) e na postura experimental adotada para com o uso das outras artes, como por sua recorrente apropriação de uma perspectiva brechtiana do épico na modernidade. Nesse sentido, os filmes *Moisés e Arão* (1975) e *Antígona* (1992) serão contrapostos analiticamente com base na releitura que suas matérias épicas ganham, a partir de suas fontes modernas: a ópera de Schoenberg baseada no pentateuco, no primeiro caso, e a tradução que Brecht dedica à controversa versão de Hölderlin para a tragédia de Sófocles, no segundo. Esta reflexão contará com uma base teórica que provem das teorias cinematográficas modernas (AUMONT, 2004; DELEUZE, 2007; RANCIÈRE, 2012), assim como de interpretações críticas que ampliam o imaginário dos cineastas, a partir de uma reconhecida ‘pedagogia strauberiana’ (DANEY, 2007).

Palavras-chave: Cinema Épico; Cinema e Literatura; Tradução Intersemiótica; Jean-Marie Straub & Danièle Huillet.

GIL CLEMENTE TEIXEIRA

Universidade de Lisboa

Não morrerá sem poetas a língua em que cantaste: encontros com Camões na épica portuguesa dos séculos XVII e XVIII

Dos séculos XVII e XVIII, herdamos um mar imenso de poemas épicos de autores portugueses. Em português, em latim ou em castelhano, muitos foram os ensaios do gênero literário mais considerado à luz da poética clássica, “último esforço da Poesia, e dos engenhos humanos”, como escreve D. Francisco Xavier de Meneses nas advertências preliminares ao seu poema *Henriqueida* (1741). Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo e, sobretudo, Cabral do Nascimento na obra *Poemas Narrativos Portugueses* (1949) oferecem-nos visões panorâmicas desta produção. Apesar de ser normalmente entendido como um “mar morto de bibliotecas inúteis” (expressão de um dia certamente mais acre do nosso Camilo Castelo Branco), nele navegaremos, auxiliados pelos instrumentos disponíveis, embora não abundantes, e tentaremos encontrar Camões em textos como a *Fénix da Lusitânia* (1649) de Manuel Tomás, *Castreidos* (1739) de Tomás Caetano de Bem e *A Conquista de Goa* (1759) de Francisco de Pina e Melo. Dito de outra forma: vamos tentar perceber como *Os Lusíadas* foram relidos em textos que nem deveríamos ler, a atentar no que deles se escreve no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746) de Luís António Verney ou na Advertência à *Viagem Extática ao Templo da Sabedoria* (1854) de José Agostinho de Macedo. Segurado e Campos, editor crítico de um poema deste período da autoria de Gabriel Pereira de Castro, *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (1636), lembra nas suas *Palavras Prévias* que esta produção não pertence, efetivamente, à *última moda* (e se lembrarmos que este texto foi publicado em 2000, quantas *últimas modas* já não passaram pela literatura desde então!). Porém, como é dito no mesmo lugar, se um dia, porventura, chegarmos a cortar a ligação com a memória do que fomos, a partir daí “passaremos pura e simplesmente a nada ser dignos de alguma consideração”.

Palavras-chave: *Os Lusíadas*; epopeia portuguesa; século XVII; século XVIII; releituras.

JACOPO MASI

Universidade de Lisboa – FLUL

The figure of Odysseus between Homer and Pavese

In 1947, the Italian writer Cesare Pavese published a rather peculiar book: not a novel, nor a collection of short stories but a series of short mythological dialogues, *Dialoghi con Leucò (Dialogues with Leucò)*. Each dialogue stages two characters – Olympian and pre-Olympian gods, semi-gods, nymphs, satyrs, heroes, poets – conversing with one another about divine and human condition. This presentation will focus on the two dialogues, “L’isola” (“The island”) and “Le streghe” (“The witches”), that deal with the figures of Odysseus, Calipso and Circe. We will show how these two off-stage conversations, which Homer’s account failed to register in his poem, relate to the Homeric epic by addressing the topics of memory and mortality.

Keywords: Odysseus; Homer; Pavese; memory; mortality.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

Centro de Literatura Portuguesa – Faculdade de Letras de Coimbra/CIMEEP

A Dedicatória de *Os Lusíadas*: uma questão maior

Relacionada quase sempre com a dimensão *fria* e estereotipada do poema, a Dedicatória d' *Os Lusíadas* acaba por ter uma importância central, condicionando a interpretação de toda a obra. Surpreende, desde logo, pela sua anormal extensão (13 estâncias). Ao fazer sobressair nela a figura do *monarca providencial*, o poeta convoca ainda uma presença que se prolonga até ao último verso. Neste sentido, é útil reler a generalidade dos episódios à luz da relação especial que o poeta quis manter com D. Sebastião, na sua dupla qualidade de destinatário e de herói de um futuro que se entreabre. Neste estudo, colocam-se à prova as possibilidades de leitura do episódio de Inês de Castro, tal como é contado ao Rei D. Sebastião.

Palavras-chave: narração; hermenêutica; Inês de Castro; Dedicatória.

JOSÉ PEDRO SERRA

Centro de Estudos Clássicos da FLUL/CIMEEP

As múltiplas tensões nos versos finais de *Ilíada*, *Odisseia* e *Eneida*

Por casualidade circunstancial ou porque tal facto outorga aos poemas em causa uma *inquietação* que corresponde à complexidade literária com que se estruturam, as grandes epopeias clássicas, *Ilíada*, *Odisseia*, *Eneida*, concluem-se de tal forma que levantam interessantes questões interpretativas. Nesta breve reflexão, propomo-nos, focando os versos finais das referidas epopeias, explorar as múltiplas tensões que nesses passos se expressam.

Palavras-chave: Epopeia clássica; *Ilíada*; *Odisseia*; *Eneida*.

LUÍS CERQUEIRA

Universidade de Lisboa

Primitivismo da épica contemporânea e modernidade da épica antiga

A épica nas sua forma contemporânea, o cinema, glorifica a luta de um “nós” com um “outro” que é animalizado e coisificado, de acordo com o que se faz nas academias militares para suprimir a compaixão e o reconhecimento da humanidade do inimigo, ao invés da épica antiga, em que a humanidade do inimigo é não só reconhecida mas objecto de identificação de uma humanidade comum. Nesse sentido a épica contemporânea revela-se mais simplista e primitiva do que a épica literária clássica. Analisam-se vários passos de épicas clássicas e de filmes épicos contemporâneos em que se observam estas diferenças.

Palavras-chave: Épica clássica; filmes épicos contemporâneos; primitivismo.

MARIA APARECIDA FONTES

Università Degli Studi di Padova – CIMEEP

Haroldo de Campos e o “último Odisseu”

Em *Finismundo a última viagem*, o poeta, ensaísta e tradutor Haroldo de Campos, ao articular a aventura da criação literária ao tema das viagens de Odisseu – polo de múltiplas referências e temporalidades –, redescreve-o em tom irónico como um herói urbano, um não-odisseu, nenhum-homem, sem grandes feitos a realizar, transitando em um mundo cotidiano destituído de transcendência. O herói épico, construído a partir do naufrágio das utopias e despido da aura mítica conferida pelo cânone Ocidental, põe em relevo os impasses da criação literária à procura de novas dicções poéticas, mas igualmente propõe releituras desse mesmo cânone, a partir da “revivescência” de uma utopia negada. A minha proposta procura investigar o modo como Haroldo de Campos desenvolve o tema das viagens de Odisseu a partir de ruínas e restos poéticos provenientes tanto do cânone literário como de seu próprio trabalho ensaístico e poético, a exemplo de *Galáxias*, mostrando o avesso desse último herói e a sua aventura pela linguagem.

Palavras-chave: *Finismundo a última viagem*; Haroldo de Campos; Odisseu.

MARIA CELESTE NATÁRIO

RODRIGO MICHELL DOS SANTOS ARAUJO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto – CIMEEP

A viagem sem mapas em Gonçalo M. Tavares

No que diz respeito ao discurso épico, o desafio que as obras literárias na contemporaneidade têm posto é decerto a forma com que reinterpretam a tradição, nomeadamente os contornos que a matéria épica passa a assumir nos textos. De tal modo, e inserida no viés de um modelo épico pós-moderno (Silva; Ramalho, 2007), nossa proposta visa uma leitura da obra *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, com o intuito de investigar a “viagem” empreendida pelo personagem Bloom, configurando uma errância, que é desterritorializada. O nosso desafio é, a partir desta obra, aceitar também o desafio da viagem, desta, e de outras decerto, tendo como referências outras epopeias do passado. De algum modo, nos assumiremos como companheiros de Bloom, e idênticos embarcações, tendo nós também como base, princípio de que *à Índia não se chega, na Índia caminha-se*.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares; *Uma viagem à Índia*; viagem; épico.

MÁRIO DE GOUVEIA

Universidade de Lisboa – CEC/FLUL

Ana Comnena, leitora de Homero: relações intertextuais entre a história e a épica no Império Bizantino

Um dos traços mais característicos da historiografia grega da época bizantina, em especial no período conhecido como “Restauração Comnena”, tem a ver com o facto de as obras escritas pelos vários autores mostrarem elementos que indicam não só a receção de modelos literários clássicos, mas também a sua reinvenção à luz do gosto erudito da corte imperial. Ana Comnena, nome sonante da historiografia de meados do século XII, deixou ao longo dos quinze livros da *Alexíada* marcas de que leu os grandes autores da tradição literária clássica, em contexto grego e latino. Alguns são evocados de forma explícita, enquanto outros são recordados como memórias mais ou menos difusas de escritos que terá lido, segundo afirma, à revelia dos próprios pais. No momento em que conta a história do imperador Aleixo I Comneno e da Primeira Cruzada, Ana tece alguns comentários acerca das obras homéricas, utilizando-as de forma a estabelecer analogias entre os deuses e os heróis da antiguidade e os homens que fizeram a guerra entre gregos e latinos. Baseando-se na tradição historiográfica e retórica, Ana socorre-se dos modelos épicos para construir um relato também acerca do pai, homem a que a sorte e a força reservaram um destino especial e que já nessa altura era visto como uma pessoa providencialmente escolhida para cingir a coroa. O objetivo desta comunicação é analisar com maior atenção os momentos da narrativa em que a autora se mostra na sua qualidade de leitora das obras homéricas, citando ou parafrazeando passagens do poeta épico com o intuito de construir o panegírico dos guerreiros da Primeira Cruzada, e, em especial, de Aleixo I, o imperador, general, marido e pai da família que administrou o Império Bizantino durante uma das épocas mais conturbadas da sua história.

Palavras-chave: Ana Comnena; *Alexíada*; história;épica; Império Bizantino.

MAYARA ANJOS

Universidade Federal de Sergipe – PPGL/CIMEEP

"Projeto Brasil", de Stella Leonardos: o épico na forma de cancionero, romanceiro e rapsódia

Análise das obras *Romanceiro do Bequimão* (1979), *Rapsódia Sergipana* (1995) e *Cancioneiro Capixaba* (2000), que integram o “Projeto Brasil”, de Stella Leonardos, e são produções de grande valia para a reafirmação da identidade nacional e também para a desconstrução de uma tradição épica que, tantas vezes, compreendeu o heroísmo como um atributo restrito às parcelas privilegiadas das sociedades retratadas. A leitura a ser apresentada volta-se para a análise dos gêneros rapsódia, cancionero e romanceiro e sua relação com o épico literário. Como aporte teórico, por sua vez, são aproveitadas, para o estudo do épico, as contribuições de Silva e Ramalho (2007, 2013, 2015) e Neiva (2009); para o estudo dos gêneros, recorreu-se a Moisés (1974) e a Chamie (1970), que discutem sobre a escrita rapsódica; a Pidal (1973), a Ferré (2008) e a Salgueiro (1997), que escrevem sobre o romanceiro; e a Alencar (1994), que estuda o cancionero. Espera-se, com este estudo, colaborar para a fortuna crítica do gênero épico, principalmente no que se refere à adequação das epopeias do século XX, à linguagem e à realidade de seu tempo. Almeja-se, ainda, contribuir para o acervo de estudos acadêmicos voltados para valores imateriais das regiões brasileiras, as quais guardam riquezas histórico-culturais que ainda precisam ser desvendadas.

Palavras-chave: Epopeia; Stella Leonardos; *Cancioneiro Capixaba*; *Rapsódia Sergipana*; *Romanceiro do Bequimão*.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

Universidade de Lisboa – CH-ULISBOA

A epopeia feita cinema: *Matar saudades* (1988), de Fernando Lopes, uma odisseia portuguesa

Em 1988, estreou *Matar Saudades*, filme do realizador Fernando Lopes. Trata-se de uma produção que se inscreve no cinema português contemporâneo, posterior ao 25 de Abril de 1974, e cujo enredo traz ainda à memória a experiência do período colonial. O enredo gira em torno de Abel, emigrante em França e homem marcado pela Guerra Colonial. Ao fim de algum tempo emigrado, Abel regressa à sua aldeia, na região de Valpaços, no norte de Portugal. Na terra natal nada parece ter mudado, mas não é assim. Teresa, a mulher que Abel deixou para trás, está agora prestes a unir-se a outro homem, sendo assediada por uma série de pretendentes, que Abel tudo fará para eliminar. Com argumento de Fernando Lopes, Carlos Saboga e António Pedro Vasconcelos, a história de base deste *Matar Saudades* é sem dúvida a *Odisseia* homérica, agora contextualizada no Portugal do século XX. Deste modo, além de tratar temas caros ao cinema nacional, como a nostalgia pelo passado e a dificuldade em lidar com a inevitável mudança e transformação que origina o presente, *Matar Saudades* é também um dos poucos exemplos do cinema português em que se reconhece a inspiração de temas clássicos. Ao filme de Fernando Lopes deve assim ser reconhecido um lugar de destaque ao lado de outras produções cinematográficas portuguesas cujo enredo é dirigido pela Antiguidade Clássica. Destas, destacam-se evidentemente as de João Canijo. No entanto, se os filmes de Canijo se orientam sobretudo pela tragédia ática, o de Lopes assenta essencialmente na epopeia homérica.

Palavras-chave: *Matar saudades*; Fernando Lopes; *Odisseia*.

RENATO EPIFÂNIO

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto – CIMEEP

O quixotismo metafísico de Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes

Para Leonardo Coimbra, como aqui veremos, o ser humano é qualificado como um “Quixote do Infinito”, um “Quixote” que, contudo, à partida “se ignora”. Ignorando-se, não pode cumprir ele a sua destinação: dar sentido ao próprio Universo. Para todo aquele que se assume como “Quixote do Infinito”, eis, com efeito, do que se trata: de protestar por esse sentido, de exigir essa “*resposta do Ser à nossa atitude quixotesca dentro da vida*”. Mais ainda, trata-se, em última instância, como diria Teixeira de Pascoaes, de exigir que “Deus” passe a existir. Esse é, nas suas palavras, o real fito do “crente verdadeiro”.

Palavras-chave: Leonardo Coimbra; Teixeira de Pascoaes; Quixotismo.

TAMARA QUIRICO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/CIMEEP

Ut pictura poesis? Inter-relações possíveis entre a *Commedia* e representações visuais do Inferno na Itália em fins do Medievo

A *Commedia*, escrita por Dante Alighieri nos primeiros anos do século XIV, faz parte de uma longa tradição literária tardo-antiga e medieval dedicada à descrição de visões do Além cristão, que remonta ao menos a meados do século II. O poema dantesco, inserindo-se nessa linhagem, torna-se uma descrição tão forte e definitiva das instâncias ultraterrenas a ponto de fazer desnecessária qualquer visão posterior. Ele é, assim, não somente o ápice como também o ponto final dessa tradição literária. Sua importância, no entanto, não se restringe à literatura. Esta comunicação pretende mostrar como Dante, marcado por representações visuais do Inferno de fins do *Duecento* e início do *Trecento*, influencia em seguida a produção artística italiana. Afinal, o esgotamento das visões do Além na literatura com a *Commedia* teve efeito oposto nas manifestações visuais do fim da Idade Média, tornando ainda mais vívidas as representações do Paraíso e do Inferno, especialmente, a partir do segundo quartel do século XIV.

Palavras-chave: *Divina Comédia*; Iconografia; Arte medieval.

TÂNIA DIAS

Fundação Casa de Rui Barbosa

O Guesa: épica romântica de Joaquim de Sousa Andrade

Esta comunicação toma como ponto de partida os trabalhos em curso desenvolvidos por uma equipe de pesquisadores com o fim de preparar uma edição crítica do poema épico inacabado *O Guesa*, de autoria de Sousa Andrade, nome por que ficou conhecido o escritor brasileiro Joaquim Manuel de Sousa Andrade (1833-1902). Serão examinadas, a partir do canto I do poema, as motivações e implicações da escolha do gênero épico no período Romântico. Esse exame se volta de modo especial para a reescrita do gênero que se dá nesse período, bem como para as modalidades de atualização do gênero levadas a cabo por Sousa Andrade em sua produção ao longo de quase duas décadas, entre os anos de 1867 e, provavelmente, 1884. Considerando-se o insistente trabalho do autor de rescrever, ampliar e publicar o poema em periódicos e coletâneas poéticas (1857-1870) até chegar a uma derradeira versão (1884), não se poderá deixar de discutir também questões relativas à crítica textual como, por exemplo, a instabilidade textual explicitada pela versão “final” inacabada, publicada em livro pela Cooke & Halsted, The Moorfields Press, London s/d.

Palavras-chave: *O Guesa*; Sousa Andrade; epopeia; Romantismo.

Ecos do épico na narrativa de Elena Ferrante

L'amica geniale (2011) é o título do primeiro volume de uma série de quatro livros que ficou conhecida como tetralogia napolitana – os demais títulos, em ordem de publicação, são *Storia del nuovo cognome* (2012), *Storia di chi fugge e di chi resta* (2013) e *Storia della bambina perduta* (2014). Assinados pelo pseudônimo Elena Ferrante, a autoria dos romances permanece uma incógnita, apesar do sucesso que os títulos alcançam, tanto no que concerne ao público leitor quanto à aprovação da crítica literária. A narrativa da tetralogia conta a longa história de amizade entre Elena Greco e Lila Cerullo, uma amizade que começa quando as duas são crianças e vivem em um bairro periférico de Nápoles. Logo nas primeiras páginas, é possível perceber que, além do romance sobre a amizade, estamos diante de um texto que abrange a história do bairro onde elas cresceram e a segunda metade do século XX. Como apontam Geue (2016), De Rogatis (2018) e Milkova (2017), também é possível notar o amálgama que a autora cria com obras clássicas, amálgama este que pode ser abordado desde o nome da narradora dos livros, Elena Greco, até nas referências diretas a Odisseia, Eneida, Medeia, entre outras. Assim, nesta comunicação, pretendo investigar a matéria épica na tetralogia napolitana partindo da premissa de que nos livros é possível encontrar elementos que remetem ao plano histórico, maravilhoso e heroico característicos do gênero.

Palavras-chave: Elena Ferrante; *L'amica geniale*; literatura épica; literatura italiana.